

N.Cham. 020.7 S955 1881 CESP

Título: Summario das lições de bibliologia :
1890-1891 .



8706604

Ac. 324801

Ex.1 CCI

020.7
M744

BIBLIOTHECA DA FACULDADE DE DIREITO
DO RECIFE

OBRA

N. 3597

VOLUME

unico

CLASSIFICAÇÃO

020

OBSERVAÇÕES

EXTRACTO

DO CODIGO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Art. 154 Em hypothese alguma sahirão da bibliotheca livros, folhetos, impressos ou manuscritos.

Art. 155 Na bibliotheca propriamente dita so é facultado o ingresso aos membros do corpo docente e seus auxiliares e aos empregados da Faculdade; para os estudantes e pessoas que queiram consultar obras haverá uma sala contigua, onde se acharão apenas em logar apropriado os catalogos necessarios e as mezas e cadeiras para accommodação dos leitores.

Art. 159 Ao bibliothecario compete:

10 fazer observar o maior silencio na sala de leitura providenciando para que se retire mas pessoas que perturbarem a ordem, e recorrendo ao director, quando não for attendido.





CURSO DE BIBLIOTHECARIOS ARCHIVISTAS

SUMMARIO DAS LIÇÕES
DE
BIBLIOLOGIA

COMPILADAS POR

JOSÉ A. MONIZ

Professor interino da respectiva cadeira na Bibliotheca Nacional de Lisboa

(1890-1891)



LISBOA

Typographia—Rua do Arsenal, 60, 1.º

1891

AC 324801

Ex 8706604

UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA

F 823		
25	10	1949

Por decreto de 29 de dezembro de 1889 foi creada a cadeira de bibliologia, como complemento do curso de bibliothecarios archivistas. No espirito do Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Antonio Ennes, dignissimo Inspector geral das Bibliothecas e Archivos Publicos, quando influio para a instituição d'esta aula, estava a intenção de que a disciplina n'ella professada tivesse por fim habilitar, com a theoria reunida á pratica, os futuros empregados especiaes das bibliothecas e archivos, iniciando-os nos ramos mais elementares da sciencia dos bibliothecarios.

As theorias sabiamente expostas por S. Ex.^a durante o primeiro anno de existencia do presente curso encaminharam-me a reunir em compendio noções que andam dispersas em varias fontes, e constituiram a base das minhas prelecções no anno lectivo de 1890-91, cujo elencho aqui exponho á censura dos entendidos, dando-me por feliz se d'esses obtiver a desejada approvação.

UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA

AL.



EXTRACTO DA LIÇÃO INAUGURAL

.....
Destina-se o presente estudo a formar o espirito e exercitar a intelligencia dos futuros empregados das bibliothecas e archivios. N'esse intuito, houve de attender-se a razões variadas, verdadeiramente desconnexas entre si, porém tendentes a produzirem um todo complexo.

Devemos considerar que o homem guiado unicamente por theorias, em qualquer dos ramos da sciencia, se não fôr dotado de senso bastante agudo para calcular a ligação que existe entre as doutrinas e a sua applicação, apropriando-se acertadamente do producto resultante da fusão d'estes elementos, achar-se-ha forçosamente embaraçado na sua esphera de actividade, e consequentemente no exercicio de qualquer profissão.

Do mesmo modo, o simples pratico, que não comprehenda a necessidade absoluta do estudo incessante da theoria, caminhará sempre duvidoso e vacillante entre o cumulo de idéas que muitas vezes se lhe apresentarão fundadas em criterios superficiaes.

D'aqui se evidencia bem clara a necessidade de que todos aquelles que teem de consagrar-se aos diversos labores, que exige o complicado mechanismo de uma bibliotheca, se dediquem a um estudo serio da sua especialidade, que lhes sirva de guia seguro atravez o campo da pratica.

É indispensavel a cada um dos empregados de uma

bibliotheca possuir no intimo o amor pelos livros e por quaesquer escriptos, sejam elles de que ordem lórem, e isto desde a classe mais subalterna d'esses empregados, pois que o empenho, que a todos guia, é o de classificar e conservar, e ninguem terá desejos de conservar e cuidar objectos a que não ligue qualquer sentimento de consideração e estima.

Qualidades especiaes devem ser inherentes a alguns empregados de bibliothecas. Assim, por muitos auctores teem sido enumerados os requisitos que devem existir em um chefe bibliothecario modelo ou ideal; recordal-oshemos para memoria. Necessita possuir noções especiaes de archeologia, paleographia, diplomatica, bibliographia, linguas classicas antigas e algumas das principaes entre as modernas; deve ser dotado de memoria facil, de espirito de ordem rigorosa, e consciencioso a toda a prova, de zelo assiduo e intelligente, e finalmente de uma affabilidade sem limites.¹

Para que um empregado superior de tal ordem satisfaça plenamente no desempenho da sua responsabilidade, importa que seja secundado por empregados que por todos os modos se empenhem em coadjuval-o efficaçamente.

Para que esses empregados existam de futuro em condições de prestarem serviço util e aproveitavel, é necessario proporcionar-lhes os meios de adquirirem a instrucção especial indispensavel ao fim proposto. N'esse intuito providenciou acertadamente a ultima lei reformadora do serviço das bibliothecas publicas em Portugal,² creando, além das aulas já existentes de diplomatica e numismatica, esta cadeira especial de *bibliologia*.

Não seria possivel, no caminhar vertiginoso da sciencia na actualidade, esperar que pela pratica de longos annos se formasse e habilitasse a geração nova de em-

¹ T. GAR, *Lecture di bibliologia*, Torino, 1868.

² Decreto de 29 de dezembro de 1887.

pregados, que, pelas immutaveis leis da evolução natural, terão de succeder aos que, ao presente, tão dignamente exercem a sua actividade nas bibliothecas do nosso paiz. É necessario que quando, um dia, esses tenham de abandonar o seu posto de honra, haja quem possa substituil-os e saiba apreciar os fructos da sua diligencia e trabalho, continuando-os e ampliando-os em conformidade com as exigencias do seu tempo.

A prodigiosa rapidez do progresso scientifico hodierno era indispensavel que fôsse acompanhada por estudos tendentes á formação e aperfeiçoamento d'esses novos empregados, e esta necessidade assaz justifica o sabio intuito de quem concebeu e executou o plano da creação d'esta aula.

A importancia de uma administração methodica es-
crupulosamente applicada ás bibliothecas e archivos pu-
blicos, acha-se conceituosamente definida na phrase de
um sabio bibliologo, que classificou as bibliothecas mal
administradas de *mais ou menos sumptuosos mausoleos*,
onde as sciencias dormem em paz o somno da eternidade.
É, pois, uma administração sensata e bem dirigida que
faz valer estes thesouros, e que da inactividade impro-
ductiva os faz entrar na vida e no movimento da actualidade.

Apesar da sua incontrastavel utilidade, a bibliogra-
phia não conta, por emquanto, em todas as nacionalida-
des, senão um numero relativamente limitado de cultores,
que a ella se prendam com provado bom senso e accu-
rado empenho.

Os bibliophilos de coração tambem não existem em
grande numero. São em maior quantidade os biblioma-
niacos.

Duas qualidades que é mister não confundir: *biblio-
mania e bibliophilia*.

Os conhecimentos, que designámos como necessarios
a um bom chefe bibliothecario, são os mesmos indispen-
saveis ao bibliophilo, para que saiba investigar com

agudeza, escolher com discernimento, e conservar com o interesse que vae até á avareza os livros mais uteis e raros, sob o ponto de vista de tal ou qual disciplina que elle intente cultivar, e com esse empenho tudo tem a ganhar a sciencia e o estudo em geral.

O bibliomaniaco, esse deixa-se ás vezes guiar na escolha dos livros, mais por circumstancias accidentaes, por insignificantes accessorios, do que verdadeiramente pela sua positiva importancia litteraria ou scientifica.

Existe, todavia, um campo commum em que podem encontrar-se e comprehender-se os bibliophilos e os bibliomaniacos: é o da bibliographia applicada, que considera o livro em si, segundo as varias condições que lhe determinam o seu valor, quer intrinseco quer estimativo.

Se qualquer d'estas inclinações será virtude ou vicio, não nos compete entrar em tal discussão; concordamos sim em que o bom empregado de bibliotheca deve participar de ambas, sem todavia se deixar nunca arrastar abertamente para qualquer dos campos, tendo aliás em ambos elles muito que vêr e aproveitar.

Terminaremos expondo as bases principaes da tentativa de programma que intentamos seguir no decorrer das lições d'este curso, dividindo a materia do presente estudo em cinco partes ou capitulos geraes, tendo por objecto:

- I—A escripta.—Breves noções geraes da historia da escripta, e do material empregado na sua execução desde os tempos mais remotos.
- II—O livro e suas origens.—Manuscriptos e sua ornamentação.
- III—Transição da escripta manual para a imprensa.—Typographia.—Ornamentação do livro impresso.—Estampas.—Encadernação.
- IV—Historia das bibliothecas e do commercio de livros.
- V—Administração de bibliothecas.—Bibliotheconomia, conservação e catalogação.—Legislação especial.

I

A escripta.—Breves noções geraes da historia da escripta, e do material empregado na sua execução desde os tempos mais remotos.

Lição 1.^a

Linguagem.—Linguagem natural e linguagem artificial.—Linguagem escripta.—Noções geraes e successão de suas formas.—Exemplos de arte graphica primitiva.—Escripta ideographica e phonetica.—Hieroglyphos do Egypto, da China e do Mexico.—Escripta *cuneiforme* e *cloudiforme*.—Alphabetismo.

Lição 2.^a

Alphabeto phenicio e suas derivações.—Noções practicas da escripta do sanscrito e do zend: povos que as empregaram.—Escriptas semiticas, samaritana, hebraica, syro-chaldaica, ethiope, arabe, turça, persa, etc.—Povos que as empregaram e alguns dos seus documentos.

Lição 3.^a

Caracteres chinezes actuaes.—Distincção practica da escripta chinesa e japoneza.—Alphabeto grego e sua lei-tura.—Idéa dos caracteres etruscos e latinos archaicos.—Alphabeto latino.

**Lição 4.^a**

Alphabeto runico.—Tradições scandinavas.—Inscrições celebres.—Eddas e sagas.—Alphabetos mixtos.—Gothico de Ulphilas, alphabeto mæso-gothico.—O *Codex argenteus* e o *Codex Carolinus*.—Caracteres allemães.

Lição 5.^a

Alphabeto cyrilliano.—Manuscriptos slavos.—Alphabeto glagolitico —A lingua slavonia e suas filiações.—Alphabeto russo actual.

Lição 6.^a

Numeração.—Numeração fallada e numerção escripta.—Systemas : o systema decimal.—Numeração dos egypcios, dos gregos, dos hebreus e dos romanos.—Dificuldades da numerção romana.—Fórmas graphicas variaveis.—Algarismos dos povos indianos.—Algarismos chamados arabes, sua adopção na Europa.

Lição 7.^a

Materia subjectiva da escripta.—Exemplos : em materias mineraes, os cilindros e tijolos da Assyria, os marmores de Arundel, etc., as pedras preciosas, as tabulas de bronze de Parma e Lyon, a tabula de Aljustrel (Portugal) e as de Malaga, Óssuna e Salpensa; em materias vegetaes, os *dipticos* e *tripticos* de madeira, etc.; as folhas (*olas*) e cascas de arvores, o papyro, papel, etc.; em materias animaes, as pelles cortidas, o marfim, intestinos, ossos, etc.—Instrumentos e utensilios do calligrapho nas diversas epochas.—As tintas e as suas côres.—As côres hierarchicas e as côres symbolicas.

Lição 8.^a

O papyro, papel do Egypto.—Historia, fabrico.—Commercio.—Nomenclatura.—Descobertas.—Esplendor e decadencia.—Uso das pelles cortidas na antiguidade.—Origem lendaria do pergaminho.—Fabrico.—Sua generalisação, commercio, esplendor e decadencia.—Escassez, e meios de evital-a.—Os palimpsestos.—Palimpsestos celebres, seus descobridores.—Palimpsestos na antiguidade e na idade média.—Palimpsestos em papyro.—Palimpsestos na imprensa —Falsificadores de palimpsestos.—Apparencia do pergaminho em diferentes epochas.

Lição 9.^a

O papel.—Invenção.—Papel de algodão e papel de trapo.—Epocha provavel da sua introdução na Europa.—Centros de produção.—Primeiros documentos em papel, de que ha noticia.—Os monges de Alcobaca primeiros fabricantes em Portugal.—Idéa geral dos processos de fabrico.—Linhas e marcas d'agua.—Marcas d'agua mais notaveis dos sec. xv e xvi na Allemanha e Italia.—Substancias diversas de que hoje se fabrica o papel.—Fabrico mechanico.—O papel continuo.—Papel da China e Japão, fabrico e apparencia.—Papel de qualidades especiaes.—Formato da folha de papel sujeito a legislação especial.—Marcas usuaes.—Commercio da massa do papel.

II



O livro e suas origens.—Manuscriptos e sua ornamentação.

Lição 10.^a

Origens do livro. — *Tabulae* ou *tabellae*. — Os manuscritos na antiguidade. — *Volumen*. — Disposição das bibliothecas na antiguidade. — Descobertas em Herculanium e Pompeia. — O *codex* ou *caudex*. — Opistographos e anopistographos. — Edições ou copias multiplicadas. — Publicações diarias em Roma (*Acta diurna*). — *Hebdomadae*, de Varrão, semanario illustrado com retratos. — Abreviaturas, notas stenographicas, siglas. — Aspectos varios da escripta na antiguidade e na idade media: a letra capital, oncial, minuscua e cursiva. — A epigraphia dos antigos. — Escriptas nacionaes.

Lição 11.^a

Reprodução dos codices na antiguidade e na idade media. — Editores, livreiros, *bibliopolae*. — O escravo copista, *librarius*, *amanuensis*, *servus ab epistolis*. — Monges *scriptores*. — *Armarius*, *scriptorium*. — Revisão dos textos e copias. — Ignorância do grego. — *Rubricatores*, *miniatores*. — Letras *capitulares*. — Determinativos da idade dos codices. — Formato. — Os *quarteniones*. — Paginação, *assignaturas* dos quadernos, reclames ou chamadeiras. — Caracteres das letras e sua idade. — Espaciação das palavras. — Pontuação. — Divisão dos capitulos e paragraphos. — Titulos. — Nome do auctor. — Datas. — Finaes dos codices e volumes: *explicit*, *colophon*. — *Ex-libris* e signaes de posse.

Lição 12.^a

A arte calligraphica na idade media. — Raridade e escassez de livros. — Cassiodoro e Boecio — Regras monasticas. — Monges agricultores e calligraphos, freiras copistas. — Renascença das artes graphicas por Carlos Magno. — O Monge Alcuino. — Origem dos copistas seculares medievaes. — Centros de producção calligraphica na Europa. — Influencia dos arabes. — Decadencia da litteratura pagã. — Codices desaparecidos. — Manuscriptos gregos. — Petrarcha. — Boccacio. — Ricardo de Bury e o *Philobiblion*. — Os monges da Hespanha. — Os monges de Alcobaça. — Estado decadente da bibliotheca de Monte Cassino. — Nomenclatura especial dos mss. religiosos.

Lição 13.^a

Ornamentação nos mss. — Origens da illustração calligraphica. — Monumentos que restam da antiguidade. — Idade media. — As invasões dos barbaros. — Iniciaes coloridas. — Letras capitulares historiadas. — Imagens. — Perseguições dos iconoclastas. — Progresso na ornamentação das letras. — As *drogontinas*. — Grotescos e phantasias. — Nomenclatura de Montfaucon baseada na forma. — Moldes ou estampilhas para o desenho das letras. — Letras gravadas para imprimir. — A grande ornamentação. — Vinhetas. — Quadros ou *historias* independentes da letra. — Arabescos. — Origem da designação *illuminura*. — Dante. — O monge Teophilo. — Influencia byzantina. — O *Menologium* de Basilio. — Terrores do anno 1000. — Renascença no seculo xi. — A ogiva e a sua influencia nas artes graphicas. — Cartographia, mappas mss.

Lição 14.^a

Phases artisticas da illuminura. — Periodo hieratico. — Periodo naturalista. — Os calvarios, e outras scenas

bíblicas. — Côres symbolicas e symbolismo no desenho. — O retrato. — A historia do vestuario e mobilia revelada na illuminura. — Monumentos e exemplos: O *Apocalipse* de Lorvão. A *Biblia hebraica* da Bibliotheca Nacional. *Fuero juzgo. Estatutos do Espirito Santo*. Livros de *Horas*. — A illuminura acaba confundindo-se com a pintura. — Exemplos: a *Biblia dos Jeronymos*, *Missal de Estevão Gonçalves*, etc. — A idade e nacionalidade dos mss. revelada pela ornamentação.

Lição 15.^a

Periodos mais notaveis da historia da illuminura. — Escolas. — Arte byzantina. — Escola franceza. — Escola allemã. — Escola flamenga (Van-Eick). — Escola anglo-saxonia. — Escola italiana. — Escola peninsular hespanhola e portugueza. — A illuminura em Portugal. — D. Duarte e D. Affonso v. — Van-Eick. — Periodo aureo da illuminura em Portugal. — Os Hollandas. — Periodo de decadencia. — Excepções: Duarte Caldeira, Estevão Gonçalves. — Illuminadores portuguezes notaveis. — Manuscriptos que fôram illuminados em Portugal e outros hoje aqui existentes.

III

Transição da escripta manual para a imprensa. — Typographia. — Ornamentação do livro impresso. — Estampas. — Encadernação.

Lição 16.^a

Transição dos mss. para a imprensa. — Necessidade de um processo expedito na reproducção dos livros. —

Os processos de impressão na antiguidade: assyrios, babilonios, egypcios.—Impressões em moedas, anneis, barro, etc.—Marcas dos animaes e escravos, de objectos industriaes.—Exemplos de letras soltas gravadas.—Impressões antiquissimas na China —A *xilographia* na Europa.—As cartas de jogar, Breves pontificios, e imagens religiosas em *xilographia*.—Processo mechanico —Livros *xilographicos*.—A invenção da imprensa —A *typographia*.—Os caracteres moveis.—Gutenberg.—Lourenço Coster.—Cidades que disputam a gloria de serem a patria da *typographia*.

Lição 17.^a

Gutenberg, Schoeffer e Fust.—O *Speculum*.—Associação dos primeiros *typographos*.—Os *typos* moveis.—A prensa.—Puncções e matrizes.—Os *Donatos*.—As *Cartas de indulgencias*.—A *Biblia* das 42 linhas (*Biblia Mazarina*); o exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa.—A *Biblia* das 36 linhas.—O *Psalterium* de Schoeffer e Fust.—O *Catholicon* de Gutenberg.—O *Rationale e Constitutiones Clementinae*.—A arte *calligraphica* alliada á *typographia*.—Tentativas de impressão a duas côres.—As abreviaturas nos primeiros exemplares *typographicos*.—Imitações dos mss.—Impressos vendidos como mss.—Dispersão dos *typographos* de Moguncia.—Incunabulos, livros que merecem esta designação convencional.

Lição 18.^a

A *typographia* no seculo xv na Europa, excluindo Portugal.—Allemanha.—Bamberg. Pfister contemporaneo de Gutenberg e Schoeffer.—Primeiro livro com gravuras —Strasburgo, Colonia, etc.—Primeiras edições com data.—Primeiros impressores depois de Gutenberg.—Hollanda e Paizes Baixos. Utrecht, Delft, Bruges, An-

tuerpia, Bruxellas, Lovaina.—Suisa, Munster, Basilea, Genebra.—Inglaterra.—Hungria.—Hespanha.—Italia, a mais importante depois da Allemanha.—Primeiros impressores em Roma.—Veneza, João de Spira, e Nicolau Jenson.—Os caracteres romanos, contradicção dos auctores.—Aldo Manucio.—França.—Perfidia de Jenson.—Luiz XI.—A Sorbonna.—Os tres primeiros impressores em Paris.—Primeiros livros.—Diffusão rapida da imprensa.—Abuso das abreviaturas.—Melhoramentos.—Os livros de *Horas*.—Impressores celebres do sec. xv.

Lição 19.^a

Typographia em Portugal no sec. xv.—Data provavel da sua introdução —Opinião de Antonio Ribeiro dos Santos e de varios.—A edição das obras poeticas do Infante D. Pedro.—Typographia hebraica, latina, portugueza e grega.—Leiria, Lisboa (1481), Braga (1494).—Impressores judeus, allemães, italianos e de nacionalidade incerta.—Edições hebraicas: *O Pentatheuco*, o *Sepher* (Caminho da vida), e outros.—O *Breviario Eborensense*, o *Breviario Bracharensense*, o *Almanach de Zacuto*, etc.—Edições em portuguez: *Vita Christi*, *Estoria do muy nobre Vespasiano*, etc.—Divisas de alguns impressores em Portugal.

Lição 20.^a

Typographia em Portugal no sec. xvi.—Edições portuguezas, latinas e gregas.—Typographia em varias terras do reino e nas colonias.—Impressores mais notaveis.—Character e merecimento das edições.—Protecção concedida pelos monarchas e pessoas da côrte.—A Impressão Regia em tempos modernos.

Lição 21.^a

Progresso geral da typographia nos diversos paizes

da Europa.—As divisas ou marcas dos impressores e livreiros editores.—Impressores notaveis.—Impressores livreiros.—Editores.—Alberto Durer, impressor.—Famílias ou dynastias de artistas typographos e editores.—Ghering.—Os Estienne em França. Edições notaveis.—Gilles Gourmond, Galliot Dupré, Geoffroy de Tory, Claudio Garamond, Chrestien Wechel, Simon de Colines, Antonio Verard, Jean Petit, Josse Bade d'Asch (Jodocus Badius Ascensius) e os seus successores, Pasquier Bonhomme, Pigouchet, os Griphe, Estevão Dolet e seu tragico fim, os Morel, os Cramoisy, Vosire, etc.—Outros impressores dos sec. xvi e xvii.—Os Didot.—Cazin e as suas edições.—Os Aldos na Italia, e seus successores.—Os Juntas, Valgrisi, Giolito, etc.—Bodoni. A collecção Bodoniana da Bibl. Nac. de Lisboa.

Lição 22.^a

Successivos progressos da typographia.—Editores notaveis (continuação):—Christovão Plantin. A *Biblia Polyglotta*. O Museu Plantino-Moretano.—Os Elzevier. Caracter geral de suas edições.—Successão e ramificação dos diversos membros d'esta celebre familia.—Logares em que fizeram edições.—Suas divisas.—Bibliographia Elzeviriana.—A collecção Elzeviriana da Bibl. N. de Lisboa.—Froben, Hervagio e outros impressores de Basilea.—Erasmus, Justo Lipsio, Arias Montano, Angelo Poliziano, Aldo Manucio, e outros grandes homens auxiliares do movimento typographico.—Revisores celebres e restituição de textos antigos.—Hespanha: o impressor Ibarra e suas tintas, outros impressores notaveis.—Inglaterra: Baskerville, Tompson, Watts, Brindley. Os typographos de Oxford e Cambridge.—A typographia na America, na Grecia.—Annaes typographicos de Maittaire.—Tratados especiaes ácerca de alguns impressores e trabalhos typographicos.

Lição 23.^a

Typographia, conhecimento pratico. — Technologia da arte typographica. — Typos, punção, matriz, fundição. — Nomenclatura dos typos antiga e moderna. — Utensilios. — Composição. — A caixa typographica. — Machinas de compôr. — Revisão, signaes convencionaes. — Paginação. — Assignaturas, reclamos. — Ante-rosto, frontispicio, peças preliminares, peças supplementares.

Lição 24.^a

Imposição das fôrmas. — Modo de deitar as paginas nos differentes formatos. — Modo de dobrar o papel nos varios formatos typographicos. — Os quadernos e a sua ordem no livro. — Registo final e sua utilidade para os encadernadores nos primeiros tempos da imprensa. — Duernos, ternos, quadernos e quinternos, designados nos registos.

Lição 25.^a

Formato nos livros, o que seja. — Modo de o conhecer e designar. — Posição das linhas de agua (*pontuseaux*) nos diversos formatos. — Numero de paginas em cada folha de impressão, segundo os formatos. — Formatos que teem por base o n.º 4; que teem por base o n.º 6. — Formatos encasados. — Varios indicios para conhecimento dos formatos. — Difficuldades na designação dos formatos não existindo as linhas d'agua. — Designação approximada pelo numero de paginas. — Papel duplo empregado nas edições modernas.

Lição 26.^a

Impressão typographica. — A prensa primitiva. — O prelo de madeira. — Technologia. — O prelo manual

de Stanhope. — Tiragem de branco e retirada. — Tinta. — As balas e os batedores, os rolos da tinta. — Prelos mechanicos ou machinas. — Primeiros inventores. — Motores empregados. — Machinas de branco, de retirada, de reacção, rotativas ou de papel continuo. — *Mise-en-train*. — Preparo do papel. — Tiragens a côres, ouro, etc. — Estereotypia, processos usados. — Clichés, clichés planos e cylindricos. — As grandes margens na impressão, as margens completas nos livros e estampas.

Lição 27.^a

Ornamentação do livro impresso. — Gravura. — Genero e especies. — Gravura em relevo, gravura em concavo (talho doce ou entalhe). — Impressão e estampagem. — Processos da gravura em relevo. — Gravura de crivo (*criblé*). — Gravura em madeira. — Os impressores de imagens. — Primeiras gravuras destinadas á impressão: cartas de jogar, *Biblia dos pobres*, *Ars moriendi*, *Navis stultorum*, xilographos. — Processos da gravura em madeira. — Decadencia da gravura em madeira, e sua renascença na Inglaterra. — Processos modernos da gravura em madeira.

Lição 28.^a

Gravura em madeira (continuação). — Volgemuth e Alberto Durer. — As varias escolas. — Mestres e artistas notaveis.

Lição 29.^a

Gravura em concavo (talho doce). — Niellagem e *niellatori*. — Finiguerra. — Systema de impressão. — Processos. — A agua-forte. — Rembrandt. — Artistas alle-mães e italianos. — Buril, ponta secca, *pointillé*. — Genero lapis. — Maneira negra ou *mezzo-tinto*. — Aguada ou *aquatinta*. — Gravura em aço. — Gravura na pedra lithogra-

phica.— Gravura de musica em metal.— Gravura de camapheu (*camaïeu*) e tiragem a côres.— Gravura a côres.— Os livros illustrados para creanças.— Inventores d'este genero.— Restauradores da arte no seculo xviii.— Escolas de gravadores.— Principaes artistas em cada uma.

Lição 30.^a

A arte da gravura em Portugal: Gravura em madeira, curto periodo da sua existencia. Decadencia. Renascimento na actualidade.— Gravura de talho doce em Portugal.— Seu começo e decadencia.— O abandono das artes desde D. Sebastião até D. João v.— Listas de artistas por Volkmar Machado, Cardeal Saraiva e Rackzinski.— Mestres notaveis: Joaquim Carneiro da Silva, Bartolozzi, etc.— Artistas portuguezes.— O estabelecimento *typoplastico* do Arco do Cego.— A Impressão Regia.

Lição 31.^a

A gravura de relevo em metal nos tempos actuaes.— Clichés galvanoplasticos.— Gravura chimica. Processos varios.— Zincographia.— Gravura de relevo em pedra.— Machinas de gravar.— Lithographia.— Chromo-lithographia. Inventor, processos.— Heliographia.— Photographia e processos d'ella derivados.

Lição 32.^a

Encadernação.— Origens.— Luxo na apparencia exterior dos livros na antiguidade.— A encadernação na idade media.— Cassiodoro.— Carlos Magno.— Ornamentação excessiva.— Accessorios.— Divisas dos encadernadores.— Aldo Manucio e os artistas gregos.— Destruição de manuscriptos pelos encadernadores.— O papelão das capas.— Preciosidades bibliographicas en-

contradas no papelão antigo. — Desenvolvimento da arte devido á imprensa. — Amadores celebres: Mathias Corvino, Thomaz Maioli, Grolier, Henrique II, Francisco I, Jacques H. Thou. — Indícios do uso de cadeias para prender os livros á estante. — Generos: brochura, encadernação, meia encadernação, cartonagens. — Encadernação de arte, de luxo, de amator, de bibliotheca. — As pelles e tecidos empregados na encadernação.

Lição 33.^a

A arte do encadernador. — Noções praticas. — Technologia. — Brochura. — A officina, utensilios e ferramentas. — Conferencia dos livros (*collation*). — O alçado, costura, etc. — Operações varias. — O dourador, ornamentação, ferros, etc. — Artistas notaveis. — Requisitos principaes da boa encadernação. — Acondicionamento de mappas geographicos, gravuras, etc.

IV

Historia das bibliothecas e do commercio de livros.

Lição 34.^a

Historia das bibliothecas. — Origem d'esta designação. — Periodos historicos. — a) Bibliothecas na antiguidade e na idade media. — Assyrios e phenicios, chaldeus. — Egypto, Osimandias. — Alexandria, o *Serapeon*. — Pergamo. — Grecia archaica. — Pisistrato e Policrates. — Athenas, Rhodes, Corintho, etc. — Os Ptolomeus e a versão dos *Setenta*. — Romanos. — Julio Cesar e Varrão. — Collecções particulares: Paulo Emilio, Lucullo, Crasso,

Cicero, Plinio, etc. — Imperadores. — Roma, de Julio Cesar a Constantino. — Os auctores neo-latinos e neo-gregos. — Primeiros tempos do Christianismo, perseguições, livros salvos. — Bibliothecas: Palatina, Octaviana, Ulpiana. — Constantinopla. — Asia Menor. — Egypto no tempo dos califas. — Mauritania e Syria. — Tripoli. — China, India. — Criterio sobre o excessivo numero de volumes de um só auctor. — Descobertas em Herculanium e Pompeia. — Fôrma material do edificio nas bibliothecas romanas.

Lição 35.^a

b) Edade media. — Primeiras bibliothecas e archivos nos templos christãos. — Monte Cassino. — Cassiodoro em Vivareso. — Benedictinos: Cluny, S. Mauro. — Carlos Magno, Carlos o Calvo, em França. — Italia. — Suissa. — Os papas. — Imperadores gregos de Constantinopla. — Os arabes de Hespanha. Cordova e Granada. — Fleury e Corbey em França. — Inglaterra: Canterbury, York. O monge Alcuino.

Lição 36.^a

Historia resumida das bibliothecas na edade moderna na Europa e America. — a) Introducção: As sciencias na edade media, estado decadente. — A scholastica no ensino monastico. — Reacção na Italia. — Petrarca e Boccacio. — Actividade intellectual no sec. xv. — Renascença. — Os Medicis e Leão x. — Triumpho do classicismo. — b) Bibliothecas publicas: França, Inglaterra, Italia. (Os litteratos do sec. xv e xvi.) — Fundação da Vaticana, da Laurenciana. — Rapinas das tropas francezas de Napoleão em toda a Europa. — Allemanha: Monaco, Prussia, Baviera, Berlin, Saxonia, Wurtemberg, Hannover e outros principados. — Austria, Russia e Polonia. — Dinamarca, Suecia e Noruega. — Hollanda. —

Belgica. — Suissa. — Hespanha. — Grecia moderna. — America: Estados Unidos, Brasil, Rio da Prata.

Lição 37.^a

Bibliothecas e archivos em Portugal. — Edade media. — Os livros de D. Mummadona. — Amanuenses francezes do Conde D. Henrique. — Aula de grammatica em Guimarães, instituida por D. Sancho II. — A livraria e o cartorio de Alcobaça. — D. Affonso III. Começa a ser escripta a lingua portugueza. Os fidalgos emigrados. Gosto pela poesia. — Os Nobiliarios. — D. Diniz e a Universidade. — Os Cancioneiros. — D. Fernando reúne o archivo na Torre do Tombo. — D. João I. — Gosto pelas sciencias e letras. — Os filhos de D. João I: Infante D. Pedro e o seu *Cancioneiro*, suas viagens. — D. Henrique, a Academia de Sagres, um livro de emblemas, as cartas de marear, e a cartographia da epocha. — D. Fernando e seu testamento. — D. Duarte, o catalogo da sua livraria e as suas obras. — D. Affonso v abre a primeira livraria publica em Evora. — D. Pedro, rei de Aragão (filho do infante D. Pedro), colleccionador de livros, antiguidades e moedas. — Santa-Cruz de Coimbra. — Cabidos do Porto, de Evora, do Algarve. — Relações com a Hespanha. — O Dr. Mangancha e a Universidade. — Livrarias nos solares nobres, mosteiros, seminarios, etc. — Mosteiros: de Lorvão, S. Fins, Arouca, Villar de Frades, etc. — Os judeus introduzem a imprensa. — Edade moderna. — Garcia de Rezende, colleccionador. — Cancioneiros, chronistas citam livrarias e cartorios. — D. João III e a reforma da Universidade. — Bibliothecas varias extinctas e algumas existentes.

Lição 38.^a

Bibliothecas e archivos existentes em Portugal. —

Bibliotheca Nacional de Lisboa: fundação, bibliothecarios, preciosidades, o medalheiro, a collecção de paleotypos, collecções Camoneana, Bodoniana, Elzeviriana. Manuscriptos: o fundo, collecção de Alcobaca, collecção Pombalina, Archivo Ultramarino. — Bibliotheca Real da Ajuda. — Bibliotheca Real de Mafra. — Bibliotheca da Academia Real das Sciencias — Bibliothecas do Porto. — Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Bibliotheca Eborense e Museu Cenaculo. — Bibliotheca de Braga. — Real Archivo da Torre do Tombo. — Livrarias particulares, desde o seculo xvi até o presente.

Lição 39.^a

O commercio de livros e sua historia. — Uso do commercio de livros entre os gregos e romanos. — Grande numero de copistas em Roma no tempo de Augusto. — Livros escolares e obras de grande vulto. — Apreço das obras litterarias. Numerosas lojas de livros. — Edade media. — Raridade e carestia dos livros nos primeiros seculos d'este periodo, e suas causas. — Monges copistas. — Actividade dos amanuenses seculares e notarios no fim do seculo xu. — Gosto litterario das principaes corporações religiosas e ricos particulares. — Primeira fórma do verdadeiro commercio de livros junto ás Universidades. — Livreiros e *estacionarios* ou alugadores. — Fórmias d'esta industria reguladas por leis especiaes, na França, Allemanha, Inglaterra e Hespanha. — Embaraços ao commercio de livros na edade media. — Desenvolvimento no começo do seculo xvi. — Typographos livreiros. — Aldo Manucio e outros levam o commercio livreiro a toda a Europa. — Estabelecimento da feira de livros em França (1485). — Primeiro catalogo geral d'aquelle emporio (1564). — Transferencia da feira para Leipzig. — Primeira sociedade de editores (1765), reconstituição (1825), inauguração (1836), sua

importancia e movimento. — Organização especial do commercio de livros na Allemanha. — Commercio de livros em França e Inglaterra. — Editores em Portugal. — Edições com a designação supposta de logar. Causas d'este disfarce.

V

Administração de bibliothecas. — Bibliothconomia, conservação e catalogação. — Legislação especial.

Lição 40.^a

Bibliothecas publicas, semi-publicas e particulares. — Edifícios, sua exposição e disposição. — Salas de leitura, mobilia, iluminação. — Trabalhos preliminares de installação. — Os livros de *fundo*. — Acquisições e augmento. Circumstancias a attender. — O director bibliothecario, qualidades que lhe são inherentes. — Bibliophilos e bibliomaniacos. — Entrada de livros. — Registo-inventario. — Marca de propriedade. Sello ou carimbo.

Lição 41.^a

Arrumação dos livros n'uma bibliotheca publica. — Systemas varios. — Separação dos formatos. — Divisões systematicas na arrumação. — Vantagens da arrumação independente do local. — Concordancia da arrumação com os catalogos. — Arrumação usada na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Conservação. Cuidados administrativos, preventivos e restaurativos. — Conservação do edificio e mobilia. — Deterioração e destruição de livros. — Prevenções contra as causas destruidoras: insectos, humidade, emprestimos, etc. — Limpeza. — Especies de

insectos e modo de os combater. — O *Philobiblion* de Ricardo de Bury, e os seus conselhos. — Cuidados restaurativos: lavagem de livros e estampas, desencadernação, desbrochagem. — Nодоas e suas especies. — Restauração de rasgões e picadas de insectos. — Restauração da douradura e encadernações antigas.

Lição 42.^a

Catalogação. Generalidades. — Elaboração de um catalogo. — Fins especiaes a que elle se propõe. — Inventario e conveniencia da sua concordancia com a arrumação dos livros. — Facilidade das buscas e sua vantagem. — Como póde ser pedido um livro. — Necessidade de um catalogo alphabetico e methodico. — O inventario e o balanço de uma bibliotheca. — Redacção do inventario. — Possibilidade de a uniformisar com a dos catalogos de busca. — Fins do catalogo alphabetico e sua disposição — Verbetes, sua redacção. — Circumstancias a attender. — Indicações indispensaveis reduzidas a oito. — Difficuldades e variantes. — As *remissões* e suas vantagens, redacção arbitraria e numero illimitado. — Necessidade de um programma ou modelo elaborado no começo do trabalho.

Lição 43.^a e 44.^a

X
Catalogação. Particularidades. — Catalogo alphabetico: a palavra de ordem, variantes e difficuldades a resolver. — Livros anonymos. — Pseudonymos e suas especies. — Anagrammas. — Os titulos, sua redacção, etc. — Logar de impressão e nome do impressor. — Divisas typographicas. — Numero de volumes. — Datas. — Formatos. — Notas do catalogador, informações, parte anedotica, etc. — Alphabetação dos verbetes e sua conservação durante o trabalho.

Lição 45.^a

Livros raros e preciosos. — Raridade absoluta e relativa de uma obra, de uma edição. — Causas determinantes da raridade. — Incunabulos, paleotypes. — Edição *princeps*. — Edição original. — O que torna um livro precioso. — Livro raro, rarissimo, exemplar unico. — Livros perdidos, desaparecidos, imaginarios, suppostos, promettidos. — Livros *de chave*. — Curiosidades bibliographicas. — Livros recortados a canivete.¹ — Signaes caracteristicos dos livros na primeira idade da imprensa. — Cartographia. — Notas dos possuidores e estudiosos lançadas posteriormente nos mappas manuscriptos. — Erros e duvidas a que podem conduzir.

Lição 46.^a

Catalogos methodicos. — Classificação bibliographica. — Systemas varios e seu desenvolvimento. — Systema de Brunet. — Systema antigamente usado na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Systema de classificação actual. — Verbetes para o catalogo methodico. — Indicações necessarias. — Classificação dos verbetes. — Catalogos ideographicos ou de informações, suas vantagens. — Conservação dos catalogos.

Lição 47.^a

Catalogos especiaes. — Catalogação de manuscriptos. — Inventario. — Redacção de verbetes. — Notas indispensaveis. — Classificação systematica. — Miscellaneas. — Summarios. — Extractos. — Remissões diversas. — Collecções especiaes. — Indices chronologicos, geographicos, etc. — A *Camoneana* da Bibliotheca Nacional de

¹ Cum figuris et characteribus ex nulla materia compositis (!).

Lisboa. — A collecção de estampas. — Idéa do catalogo de uma collecção de estampas.

Lição 48.^a

Bibliographia e bibliographos. — Bibliographia geral, bibliographia especial, e parcial. — *Manuel du libraire*, de Brunet. — Bibliographos portuguezes mais notaveis. — Barbosa Machado, Innocencio, etc. — Bibliographos hespanhoes, francezes, italianos, inglezes e allemaes. — Bibliographia das comunidades religiosas. — Annaes typographicos. — Bibliotheca Spenceriana. — Bibliographia de varias localidades. — Publicações bibliographicas especiaes.

Lição 49.^a

Administração de uma bibliotheca publica. — Aquisição de livros — Livro de registo de entrada. — Relações com o publico. — Leitura no estabelecimento. — Emprestimos. — Registo de livros sahidos: para emprestimo, para encadernar. — Registo de obras perdidas, destruidas, inutilisadas. — Concessões de copias. — Cuidados a exigir. — Pessoal idoneo. — Balanço annual. — Livros desapparecidos, inutilisados. — Contabilidade. Repartição financeira. — Estatistica.

Lição 50.^a

Legislação sobre bibliothecas e archivios em Portugal. — O curso de bibliothecarios archivistas — Aulas especiaes de diplomatica, numismatica e bibliologia.

BIBLIOGRAPHIA

- Silvestre — Paleographie universelle. Paris, 1839-41.
 Maury — Histoire des alphabets. (*Rev. des Deux Mondes*, Set. 1875.)
 Fortia d'Urban — Essai sur l'origine de l'écriture. Paris, 1832.
 F. Lenormant — Essai sur la propagation de l'alphabet phénicien. Paris, 1872-75.
 — Les syllabaires cuneiformes. Paris, 1877.
 Champollion (le jeune) — Grammaire égyptienne. Paris, 1836-38.
 — Dictionnaire égyptien. Paris, 1841.
 V. Loret — Manuel de la langue égyptienne. Paris, 1889.
 P. Larousse — Grand dictionnaire universel. S. v. *Alphabet, Écriture, Hieroglyphes, Chiffres, Gravure*.
 Diccionario enciclopédico hispano-americano. Barcelona, 1887-91.
 S. v. *Alfabeto, Cifra, Códice, Crômo*.
 Encyclopedia Britannica. Edinburgh, 1875-89. S. v. *Alphabet, Scandinavian languages*.
 Lepsius — Standard alphabet. London-Berlin, 1863.
 Alphabeta varia. (Coll. da Bibl. N. de Lisboa.)
 The Gospel in many tongues. London, B. & F. Bible Society, 1888.
 C. de Arlez — Études avestiques. Paris, 1877.
 — Manuel de la langue de l'Avesta. Paris, 1878.
 Custodio J. d'Oliveira — Diagnosis typographica. Lisboa, 1804.
 G. Curtius — Grammatica de la lingua grega. Torino, 1874.
 Figueiredo da Guerra — Syllabario hebraico. Coimbra, 1876.
 Olaus Verelius — Manuductio compendiosa ad runographiam scandinavica. Upsalæ, 1675.
 C. Rafn — Inscription runique du Pirée. Copenhague, 1856.
 Reiff — Grammaire russe, précédée d'une introduction sur la langue slavonne. S. Petersbourg-Paris, 1851.
 Motti — Russian Grammar. Heidelberg, 1890.
 Vasconcellos Abreu — Manual para o estudo do sânskrito classico. Lisboa, 1881.
 A. P. Pihan — Notice sur les divers genres d'écriture ancienne et moderne des arabes, des persans et des turcs. Paris, 1856.
 Mircesco — Grammaire de la langue roumaine. Paris, 1863.
 Egger — Histoire du livre. Paris, s. d.
 — Le papier dans l'antiquité et dans les temps modernes. Paris, 1866.

- Lecoy de La Marche — Les manuscrits et la miniature. Paris, s. d.
 Louisy — Le livre et les arts qui s'y rattachent. Paris, 1886.
 J. P. Ribeiro — Dissertações chronologicas e criticas, etc. Lisboa, 1810-36.
 ——— Memorias authenticas para a historia do Real Archivo. Lisboa, 1819.
 Viollet-le-Duc — Dictionnaire raisonné du mobilier. I. Paris, 1868.
 S. v. *Scriptionale*.
 Du Cange — Glossarium mediæ et infimæ latinitatis. Niort, 1883-87.
 S. v. *Scriptorium*.
 Estacio da Veiga — A tabula de bronze d'Aljustrel. Lisboa, 1880.
 A. Soromenho — La table de bronze d'Aljustrel. Lisbonne, 1877.
 Peignot — Dictionnaire raisonné de bibliologie. Paris, 1802-1804.
 ——— Manuel bibliographique, ou essai sur les bibliothèques anciennes et modernes, et sur la connaissance des livres, etc. Paris, an ix (1804).
 ——— Dictionnaire littéraire et bibliographique des principaux livres condamnés au feu, supprimés, etc. Paris, 1806.
 E. Rouveyre — Connaissances nécessaires à un bibliophile. Paris, 1881-82.
 L. Figuier — Merveilles de l'industrie, II. Paris, s. d. (Le papier, le cuir et les peaux.)
 Lami — Dictionnaire des arts industriels, VII. Paris, 1887. S. v. *Papeterie, Parcheminier*.
 C. Ferrario — Memoria intorno ai palimpsesti. Milano, 1853.
 A. Chassant — Paléographie des chartes et des manuscrits. Paris, 1867.
 ——— Dictionnaire des abbreviations latines et françaises. Paris, 1862.
 A. Chassant & Delabarre — Dictionnaire de sigillographie. Paris, 1860.
 M. Prou — Manuel de paléographie latine et française du vi au xviii siècle. Paris, 1890.
 Muñoz y Rivero — Paleografia visigoda. Madrid, 1881.
 P. Lacroix, etc. — Le livre d'or des metiers. Histoire de l'imprimerie. Paris, 1852.
 T. Gar — Letture di bibliologie. Torino, 1868.
 H. Bouchot — Le livre, l'illustration, la reliure. Paris, s. d.
 — Les ex-libris et les marques de possession. Paris, 1891.
 R. de Bury — Philobiblion. Trad. Hyp. Cocheris. Paris, 1857.
 A. Niedling — Bücher Ornamentik in Miniaturen, Initialen, Alphabeten. Weimar, 1888.
 F. Denis — Histoire de l'ornementation des manuscrits. Paris, 1861.
 ——— Da illumina dos codices manuscriptos em Portugal. (*Missal de Estevam Gonçalves Netto*. Paris, Maciá & C.^a — Noticia preliminar.)
 J. M. de Eguren — Memoria descriptiva de los códices notables conservados en los archivos de España. Madrid, 1859.
 Abbade de Castro — Noticia de alguns livros illuminados que se guardam no Archivo Real. Lisboa, 1860.
 Rackzinski — Les arts en Portugal. Paris, 1846.
 ——— Dictionnaire historico-artistique du Portugal. Paris, 1847.
 A. F. Simões — A exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola. Lisboa, 1882.
 Bayet — L'art byzantin. Paris, s. d.

- Labarte — Histoire des arts industriels au moyen age. Paris, 1872-75.
- V. de Santarem — Atlas composé de mappemondes et de cartes... du xi au xvi siècle. Paris, 1842.
- E. F. Jomard — Les monuments de la Géographie, ou recueil d'anciennes cartes. Paris, 1853.
- Brunet — Manuel du libraire et de l'amateur de livres. Paris, 1860-80.
- Dechamps — Dictionnaire de géographie ancienne et moderne à l'usage du libraire. Par un bibliophile. Paris, 1870.
- T. F. Dibdin — Bibliotheca Spenceriana. London, 1814-15.
- A. F. Didot — Essai sur la typographie. Paris, 1851.
- — — Essai sur la gravure sur bois. Paris, 1863.
- — — Les Estiennes. (*Nouv. Biogr. Générale*, tom. xvi.)
- Maittaire — Annales typographici. Norimbergae, 1793-97.
- L. C. Silvestre — Marques typographiques. Paris, 1866-67.
- S. Thierry-Poux — premiers monuments de l'imprimerie en France au xv siècle. Paris, 1890.
- Biblia pauperum reproduced in fac-simile. Introduction by J. P. Berjeau. London, 1859.
- J. Ph. de Lignamine — Chronica Summarum Pontificum. Romae, 1474, fol. (B. N. L.)
- A. Ribeiro dos Santos — Memoria sobre a origem da typographia em Portugal (*Mem. de Litteratura Portugueza*, viii). Lisboa, 1812.
- T. de Noronha — A imprensa portugueza durante o seculo xvi. Porto, 1874.
- Breve Noticia da Imprensa Nacional de Lisboa. Lisboa, 1869.
- Silvestre Ribeiro — Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos em Portugal. Lisboa, 1871-89.
- A. Renouard — Annales de l'imprimerie des Aldes. Paris, 1834. (A pag. xvi sqq. *Edições Juntinas*.)
- F. Mendez — Tipografia española. Madrid, 1861.
- Bissart-Binet — Le Cazinophile. Reims, 1876.
- Max Roose — Christophe Plantin. Anvers, 1882.
- A. Willems — Les Elzevier, histoire et annales typographiques. Bruxelles, 1880.
- J. Saldanha da Gama — Catalogo da exposição dos cimelios da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1885.
- Desormes — Notions de typographie. Paris, 1888.
- J. Anjos — Manual do typographo (*Bibliotheca do Povo e das Escolas*, n.º 138). Lisboa, 1886.
- Specimen da fundição de tipos da Imprensa Nacional de Lisboa. Lisboa, 1858-62.
- A. Lostalot — Les procédés de la gravure. Paris, s. d.
- A. Delaborde — La gravure. Précis élémentaire de ses origines. Paris, s. d.
- V. H. Delaborde — Le departement d'estampes de la Bibl. Nationale. Catalogue. Paris, 1875.
- Malaspina di Sannazaro — Catalogo di una raccolta di stampe antiche. Milano, 1824.
- Heineken — Idée d'une collection d'estampes. Leipzig-Vienne, 1770.
- D. F. de S. Luiz — Obras completas. VI. Lisboa, 1876.
- C. Volkmar Machado — Collecção de memorias relativas á vida dos pintores, etc. Lisboa, 1823. •

- J. J. Rodrigues — A secção photographica ou artistica da Direcção geral dos trabalhos geodesicos. Lisboa, 1876.
- E. Bosquet — Traité théorique et pratique de l'art du relieur. Paris, 1890.
- L. Derôme — La reliure de luxe, le livre et l'amateur. Paris, 1886.
- H. Bouchot — Les reliures d'art de la Bibl. Nationale de Paris. Paris, 1888.
- Le livre, l'illustration, la reliure. Paris, s. d.
- Marius Michel — L'Ornementation des reliures modernes. Paris, 1889.
- The British Museum historical and descriptive. Edinburgh, 1854.
- Champollion-Figeac — Dictionnaire de la conversation et de la lecture. S. v. *Bibliothecaire. Bibliothèque.*
- Darembert & Saglio — Dictionnaire des antiquités grecques et romaines. Paris, 1873. S. v. *Bibliotheca.*
- Namur — Manuel du bibliothecaire. Bruxelles, 1834.
- Th. Braga — Manual de Historia da litteratura portugueza. Porto, 1875.
- N. Díaz y Perez — Las bibliotecas de España. Madrid, 1885.
- Gabriel Pereira — Estudos eborenses. Bibliotheca publica. Archivo municipal. Evora, 1886-87.
- Os cartularios das cathedraes. (*Rev. Archeologica*, IV, 3. 1890.)
- J. Cousin — De l'organisation et de l'administration des bibliothèques publiques et privées. Manuel théorique et pratique du bibliothecaire. Paris, 1882.
- Bibliothèque Imperiale de Paris. Catalogue de l'Histoire de France. Paris, 1855-70.
- A. A. Barbier — Dictionnaire des ouvrages anonymes et pseudonymes. Paris, 1872-79.
- G. Melzi — Dizionario di opere anonime e pseudonimo di scrittori italiani. Milano, 1848-59.
- E. Rouveyre & O. Uzanne — Miscellanées bibliographiques. Paris, 1870-80.
- F. Nizet — Notice sur les catalogues de bibliothèques publiques. Bruxelles, 1887.
- Philomnestes Junior — Livres perdus. Essai bibliographique sur les livres devenus introuvables. Bruxelles, 1887.
- F. Drujon — Livres à clef. Paris, 1888.
- S. J. Jugendre — Disquisitio in notas characteristics librorum a typographia incunabulo ad an. MD. impressorum. 1740.
- J. F. Castilho — Relatorio acerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Lisboa, 1844-45.





3/90

020.7

M 744

F

Law 4/68

Law 83



